

Os caminhos para enfrentar a crise

Roberto Leal Lobo e
Silva Filho *



Um país é tanto mais democrático e moderno quanto menos depender da figura de seu dirigente. Só para lembrar, quando Nixon renunciou em 1974 os Estados Unidos não "mergulharam no caos" e as mudanças de gabinete na Itália têm merecido pouco mais que um registro na imprensa internacional.

Não é mera coincidência que países atolados no subdesenvolvimento vivam em constantes crises ou ameaças de crises institucionais quando ocorre a substituição dos governantes, como se nações se limitassem aos seus chefes de Estado e de governo e ao contorno geográfico de seus mapas. Não é preciso ir tão longe e falar do continente africano, basta olhar para a América Latina, com seus atentados, quarteladas e guerras civis. Mesmo a história da República brasileira foi até agora marcada por curtos períodos de democracia entremeados por décadas de anormalidade.

A responsabilidade de um cidadão, entendido aqui o termo em sua plenitude, não deve começar e terminar no trajeto de sua casa até a urna no dia da eleição. Na democracia que desejamos, a escolha de um governante, além de bem feita, não pode ser o fator fundamental para o desenvolvimento do proje-

to da sociedade em que vivemos. Antes, esse projeto deve emergir da própria sociedade, que para delinear-lo precisa educar-se, informar-se e, como resultado dessas duas condições, organizar-se. Caberá aos administradores do Estado administrar.

Esse é ainda um desejo, não uma realidade, pois a angústia com que se acompanham as falas e ações dos governantes, buscando traçar o seu perfil, o seu propósito e o seu projeto, indica falta de maturidade política de um povo que apostou na loteria eleitoral e, a seguir, tenta identificar no empossado características do dr. Jekyll e/ou mr. Hyde.

No Brasil essa realidade não vem somente da falta de acesso à educação e à informação ou de tradição democrática. Ela vem também do ufanismo impingido a sucessivas gerações pelos nossos líderes, mestres e textos escolares.

Quando a esquadra de Cabral aportou em nossas terras, o primeiro documento escrito informava que aqui em se plantando tudo daria. Depois vieram "Brasil celeiro do mundo", "Deus é brasileiro", "País do futuro" e outras expressões que refletem um ufanismo determinista. Não importa o que fazemos ou deixamos de fazer, temos aversão até à palavra planejamento e sequer nos damos conta de que continuamos empurrando com a barriga questões cruciais. Ao fim tudo dará certo e as profecias se cumprirão.

Bom seria passarmos da metafísica ao existencialismo, que se não é atual pelo

menos adequa-se melhor, enquanto método, às reflexões que devemos fazer. Um país com as dimensões e as riquezas do Brasil se não tem um destino de glórias como sua essência e meta inexorável também não pode ser um país condenado. Estas são visões metafísicas que analisam a existência a partir de uma essência que, de certa forma, predestinaria. Uma visão mais existencialista talvez fosse mais útil para o Brasil. Um enfoque em que a existência e a ação dos homens orientem seu destino, determinando, em última instância, sua própria essência. Isso implica retomar o destino nas próprias mãos.

Felizmente, o povo brasileiro parece despertar desse mágico sonho e perceber que as coisas estão longe de ser tão simples. As crises das décadas de 80 e 90 e o malogro de tantos planos econômicos que apregoavam soluções definitivas nos fizeram cair na realidade e talvez, como num sistema físico, num "overshooting". Da euforia passou-se ao pessimismo absoluto, à visão do país condenado, onde nada do que se faça nos livrará do abismo, numa nova visão metafísica que traz os componentes idênticos aos da concepção ufanista.

Podemos vir a ser o celeiro do mundo se planejarmos e investirmos na produção agrícola. Seremos o país do futuro se realizarmos a revolução no ensino, erradicando o analfabetismo e sepultando de vez a escola burocrática, que mata na raiz o potencial criativo de gerações. Até

Deus poderá, talvez, naturalizar-se brasileiro se estivermos dispostos a encontrar nossas próprias soluções, reconhecendo definitivamente que o destino do Brasil não está escrito nas estrelas.

Durante décadas fomos embalados por mitos que agora morrem, por simplificações que transformaram processos complexos em gestos heróicos e por ideologias que tornaram o povo figurante de um filme sem roteiro.

A Nação amadurece hoje trilhando um caminho ingrime, porém não há outro. Cabe-nos trabalhar, enfrentar com realismo os problemas e nos comprometermos com a busca de soluções, aproveitando as características de nosso povo, de nossa terra e de nossa cultura. Não podemos atribuir a culpa das calamidades físicas e meteorológicas aos governantes de quem não gostamos e nem permitir que eles traíram o projeto nacional e os valores culturais da Nação.

Os diferentes fóruns que se instalaram em São Paulo representam indicadores positivos de uma nova atitude que vai emergindo da sociedade brasileira: Fórum de Desenvolvimento do Governo Estadual, Fórum da Cidade, articulado pela prefeitura, Movimento Opção Brasil e o Fórum Capital/Trabalho, da USP. O País, a partir de nosso estado, sai de uma postura de perplexidade e começa a descobrir os caminhos viáveis para enfrentar a crise.

* Reitor da USP.